NATAL/HOMEM

Gostaríamos de desejar aos nascituros históricamente possíveis a possibilidade de viverem num mundo novo . . .

MUNDO NOVO!,

onde os nascituros não tivessem qualquer possibilidade de criar, alimentar ódio, inimizade.

Possibilidade, não por eles — nunca! — mas por nós, os que já estamos na vida, ao jogo dela, por conta de tão poucos que, por todos, tão pouco dizem, em termos de todos.

Natal: vida nova!

Palavras tão repetidas que até aborrecem!

Aborrecem!

Mas, talvez por isso, se adoram, porque quase inatingíveis!

Do quase tenho a certeza.

Do que não é quase, porque *quase* será sempre o Homem em seu devir e na procura do quase que, reconhecidamente aceitamos como inalcançável, é que temos de curar.

Natal: vida nova!

O que está ao nosso alcance, já, é que deve ser alcançado.

Na leveza de atitude da atitude da figura renascentista ligeiramente plasmada no linóleo que nos serve de fundo, há todo o movimento de alguém (que não prescindindo do seu EU e que, por isso, nos outros se vê!) que quer dizer:

NATAL — VIDA NOVA!
NATAL — EM TODOS!
NATAL — EM CADA UM! . . .
PORQUE TODOS SOMOS UM! . . .
. . . MAS *UM* EM *TODOS!*

E, por isso, quase e talvez só por isso, devemos dizer . . .

MUNDO NOVO!
VIDA NOVA!

E daí um voto:

TRABALHEMOS TODOS PARA O NATAL DO HOMEM NOVO, TODOS OS DIAS!

GASPAR ALBINO

Dezembro 25

1978

BOAS FESTAS!

Litoral

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 Aveiro (Tel. 22261) — Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro

VISEU-AVEIRO

Uma dívida de gratidão

AMADEU DE SOUSA

QUANDO o Vouga nasceu nas altitudes lusitânicas da serra da Lapa, num impulso de dessubalternização ao grande rio de ascendência espanhola, que corre muito mais perto, encetou a sinuosa caminhada de 140 quilómetros, para, por entre montanhas esplendorosas, se lançar fraternalmente nos braços marítimos da Ria de Aveiro, antecâmara do grande Oceano Atlântico.

O rumo leste que o Vouguinha tomou lá no planalto materno, num fremente desejo de libertação, perscrutando nos primeiros passos indecisos o horizonte maravilhoso da planície aveirense, talvez tenha influenciado de certo modo o êxodo voluntário de muitas centenas de beirões-serranos que, de coração aberto e alma lhana, se vieram albergar ao céu da terra litorânica.

Desses movimentos inter-regionais, que seguindo o curso do deles e nosso rio, se instalaram no rincão promissor, hoje berço dos seus filhos, proveio um manancial de relação entre os dois povos beirões — serrano e litoranho — indelevelmente marcado pela amizade, depressa cimentada, e interesses mútuos, já que os dois distritos se completam de forma recíproca, por intrínseco e total ligamento, como se de irmãos-siameses se tratasse.

É assim que toda essa benvinda corrente migratória, gente de ânimo forte, persistente e dinâmica, logrou um lugar de relevo na sociedade aveirense, assacando-se-lhe uma valiosa quota-parte de responsabilidade no progresso e desenvolvimento da urbe que adoptou e que, por merecimento e justeza, também lhe pertence.

Homens oriundos das mais variadas camadas sociais, por índole, de fácil adaptação, granjearam por via disso o respeito e a consideração dos autóctones, como se de verda-

Continua na página 5

MUITA ATENÇÃO, AVEIRO!

O fogo não marca dia, hora ou local para se manifestar

LÚCIO LEMOS

O sentido preventivo em mim enraizado e mantido ao longo dos últimos 16 anos, ou sejam tantos quantos possuo como Comandante de uma Corporação de Bombeiros, leva-me, com os conhecimentos que possuo, a expor a seguinte questão, sem barulho (embora não me custe alinhar com os que afirmam que, no nosso País, os problemas só se têm resolvido, infelizmente, com barulho), na certeza de que nela meditarão, com toda a consciência, os principais responsáveis pelas melhores e mais eficientes condições de segurança das pessoas e bens da futura «zona industrial de Aveiro».

1 — Conforme é do conhecimento público, no dia 6 de Novembro último, por volta das 14.30 horas, o chamado «Bairro Industrial de Coimbra», localizado na Pedrulha, foi despertado por um violentíssimo incêndio manifestado num prédio de sete pisos — sub-cave, cave, rés-do-chão e quatro andares — todos eles ocupados por actividades industriais e comerciais. Assim, na sub-cave um armazém de desperdícios; na cave um dos armazéns de pneus da Mabor; no rés-do-chão a Fábrica Olifibras (artigos de fibras sintéticas), onde teve início o incêndio; no 1.º andar um depósito de gás butano; no 2.º o Gabinete de Apoio Técnico, organismo do Ministério da Administração Interna; no 3.º a Fábrica de Confecções Sanjo e no 4.º an-

Continua na página 4

Patronos...

A CIDADE E AS SE...CUNDÁRIAS

F. SILVA MATOS

DUAS remadas para a frente e uma vigorosa para trás, e eis aí o «Mercantel» a bolinar!

Surpresa, a cidade, mirou no *Litoral*, e logo um observador de circunstância, tomando a nuvem por Juno, se lançou às águas revoltas em magnânimo e augusto gesto, no seu «direito de resposta»! Não viu (aliás não poderia ver) que os próprios causadores da remada ao invés, não enjeitam os «OUTROS RITMOS, OUTRA PARTITURA»?!

Pudesse ao de cima das águas erguer-se o *lápis crítico* de Mário Sacramento e certamente não deixaria de apontar os inconvenientes de, em assunto de tal natureza, se percorrer o democrático caminho da eleição por escrutínio secreto.

Efectivamente, dos cinco candidatos, melhor, das cinco personalidades propostas, uma

Continua na página 4

OS TRANSPORTES DE S. JACINTO

ALBANO FERREIRA SIMÕES

S. Jacinto sempre esteve e continuará a estar dependente dos transportes fluviais para a ligação com Aveiro e o Forte da Barra, isto é, através do Canal de S. Jacinto, na Ria.

Em tempos já distantes essa ligação era feita por meio de uma bateira a remos, que era a do Cirino, a qual transportava de 5 a 6 passageiros, mas somente quando havia mais do que um o fazia, visto que não tinha horário estabelecido e, mesmo assim, só depois do nascer ao pôr do Sol.

Posteriormente, com a instalação na localidade dos «Estaleiros S. Jacinto, Lda.» e mercê do dinamismo de um Homem que era o seu proprietário e se chamou Carlos Roeder, a quem S. Jacinto tudo deve, esses Estaleiros tiveram necessidade de fazer transportar os seus operários que vinham de Aveiro e das Gafanhas, mas porque pretenderam conceder simultâneamnte um transporte adequado à época, que correspondesse às necessidades da população local, promoveram a criação de uma empresa que subsiste com a designação de «Empresa de Transportes da Ria de Aveiro, Lda», chamando para ela alguns accionistas de S. Jacinto e não só, ficando, contudo, como não podia deixar de ser, com a maioria do capital investido. Para o efeito, foram construídas três lanchas e adquirida uma outra, lanchas essas que dispõem de uma relativa comodidade e segurança, podendo transportar umas largas dezenas de passageiro e deste modo «nasceram» as carreiras diárias e regulares de S. Jacinto-Aveiro e de S. Jacinto-Forte e vice-versa, terminando, assim, a velha bateira a remos.

Pode afirmar-se, em abono

Continua na página 4

A propósito de uma votação insciente que preteriu HOMEM CRISTO

EDUARDO CERQUEIRA

NÃO há ainda muitos dias, aludi nestas mesmas colunas ao facto de numa votação de professores, — numa consulta impensadamente dirigida pelo respectivo ministério à ignorância e marginalidade de grande parcela deles, e, assim, se manifestaram notoriamente ao revés da opinião e do sentimento aveirenses — aludi, dizia, à preterição, que julguei néscia, do nome de Homem Cristo como patrono da Escola Técnica local.

Lembrei, de passagem, que, possuía outros predicados e factores mais determinativos que lhe confeririam lógicos e flagrantes motivos de preferência entre os candidatos ao sufrágio dos docentes — incientes na matéria, repito, ou com ideias preconcebidas irremovíveis — o denodado paladino da instrução popular, grande jornalista e prestantíssimo aveirense. Fôra, em dada época, um elemento não só muito empenhado nas sucessivas melhorias daquele estabelecimento aveirense de ensino, mas na vida dele uma vontade influente.

Uma rebusca rápida nas colecções do semanário famoso do veemente e lúcido jornalista-panfletário comprová-lo-ia segura e abundantemente. Existem, mesmo, ainda, rastros epistolográficos do interesse que nesse objectivo de progressiva reformação da escola tomava persistentemente e do bom êxito que obteve nalgumas diligências que nesse sentido efectuou.

Em certo período do primeiro

Continua na página 4

No dia 11 do corrente, completou 48 anos de vida o nosso prezado colega local CORREIO DO VOUGA: caminha, gloriosamente, para as suas «Bodas de Ouro» — e, preciosa e brilhante, como o nobre metal tem sido a sua profícua existência. Desde sempre nos rumos do catolicismo e do regionalismo, porta-voz diocesano a partir de 1938, data da restauração da Diocese aveirense, tem-se mantido escrupulosamente fiel aos seus princípios. A Igreja deve-lhe tanto como Aveiro lhe deve.

A quantos trabalham no conceituado semanário, as nossas felicitações, com votos das maiores felicidades numa vida sempre prolongada.

DIREITO de TRABALHO

O «Boletim Informativo da Associação Comercial de Aveiro» — publicação mensal de reduzida dimensão gráfica mas de enorme interesse — deu à estampa, no seu n.º 16, correspondente ao mês em curso, judicioso escrito que, com a devida vénia, transcrevemos, e em que Aveiro aparece em evidência. É ele da pena do Consultor Jurídico da Associação, um nome por demais conhecido e creditado, particularmente nos domínios do Direito Laboral:

ALBERTINO DE OLIVEIRA

NO regime saído do 28 de Maio foram proibidas as greves. Não as permitia o Estatuto do Trabalho Nacional nem a Constituição de 33 e havia leis que penalizavam os infractores até à prisão, além de constituirem justa causa de despedimento.

Estas medidas foram a resposta ao clima de destruição económica e financeira e degradação social que as greves provocaram durante a primeira República a partir de 5 de Outubro de 1910.

Recompostas as Finanças, recuperada a economia, lançaram-se em paz as bases

Continua na página 5

AS GREVES

Os transportes em S. Jacinto

Continuação da página anterior

da verdade, que pelo menos no Inverno, as lanchas são de exploração deficitária, mas a Administração dos Estaleiros tem aceite essa ituação e embora sem dividendos para os accionistas, os tranportes referidos têm sido mantidos sem alterações sensíveis.

Com a construção da Ponte da Arrábida, no Porto, gerou-se então uma certa efervescência nos meios aveirenses, tendo em vista a construção de uma ponte que ligasse S. Jacinto à «outra banda», sobre o Canal de S. Jacinto, para o que se realizou na Associação Comercial de Aveiro uma reunião à qual estiveram presentes as «forças vivas» desta cidade, e ainda uma larga representação de habitantes de S. Jacinto. Nessa reunião surgiram detractores da contrução da ponte, com a alegação da sua inviabislidade, por falta de cobertura para a despesa que tal construção acarretaria (embora, segundo parece, um competentíssimo engenheiro aveirense ali presente tivesse afirmado ser possível essa construção por cerca de 60 mil contos), sugerindo esses detractores que em sua substituição se fizesse a ligação do Canal por meio de um «ferry-boat».

Ora, se a construção da ponte foi considerada inviável, pela despesa que implicava e o Estado não estaria ou não poderia conceder a respectiva verba, os detractores da ponte, para não serem utopistas, teriam também que analisar que do mesmo modo o «ferry-boat» seria ou tinha mesmo de ser inviável, como demonstraremos.

De facto, feitos os estudos, aprovado o projecto e feitas as expropriações, fizeram-se de seguida os acessos e os pontões do lado de S. Jacinto e, do outro lado, próximo da entrada do canal que conduz ao Forte, e depois dessas construções, foram adjudicados e construídos os dois batelões de atracação para cada um dos pontões e lados do Canal de S. Jacinto. Nesses trabalhos devem-se ter gasto (para não dizer, dede já, que de facto se gastaram) somas avultadas, parecendo assim que S. Jacinto se veria então dotado de um transporte fluvial conveniente, mas que de qualquer forma nunca poderia substituir a ponte, dado que o «ferry-boat» não assseguraria o transporte durante a noite e as necessidades da população devem considerar-se permanentes, pelo menos em casos de doença súbita, uma vez que ali não há médico, nem qualquer farmácia.

Mas o que é de «bradar aos céus» é que os estudos feitos e as construções efectuadas não tiveram em consideração atempada a rentabilidade do «ferry-boat» e daí que, no final de tudo, quando até os batelões de atracação já estavam ligados aos pontões, aguardando que o primeiro «ferry-boat» se dignasse atracar (quando é certo que nem sequer teria sido ainda adjudicada a sua construção), os detractores da ponte e defensores desse «ferry-boat» «acordaram» e chegaram à conclusão que só a manutenção dos barcos e os salários da equipagem, traria um encargo anual da ordem dos 300 contos, excedendo-se neste quantitativo a receita bruta prevista, também anual. Deste modo, nenhuma empresa particular se mostrou interessada na exploração, por se aperceber que a mesma seria ruinosa, e porque a Junta Autónoma não estava disposta a cobrir o défice previsto dos 300 contos, nem a Comissão Municipal de Turismo e nem a Câmara Municipal de Aveiro dispunham de verbas para o efeito, só o Estado poderia subsidiar a referida exploração, mas também isso não foi possível obter, o que até se aceita; assim, os milhares de contos que se gastaram, estão enterrados para todo o sempre, sem que nada de positivo tivesse surgido como benefício para a população.

Passados tempos, estando tudo concluído, como acima se refere, inclusive os batelões já ligados aos pontões, eis que esses batelões são retirados e a reboque, pelo mar, são levados para algures (supomos que para Vila Real de Santo António), com a alegação dos responsáveis de que os batelões iriam a título de empréstimo, até que os «ferry-boats» estivessem concluídos!...

Os batelões «foram-se» e jamais regressaram, pelo que a população de S. Jacinto ainda chegou a dirigir-se, pela manhã, para o cais da marginal na esperança de os ver surgir do lado da barra, envoltos no «nevoeiro do sebastianismo» que então acalentava, mas já não acalenta. E assim se brincou com uma população que poderá voltar a ficar isolada por falta de transportes fluviais convenientes, se acaso os «Estaleiros S. Jacinto» não continuarem a ter em consideração as suas prementes carências (o que se espera não venha a verificar-se), não compreendendo essa mesma população como foi possível gastar-se em seu nome uma soma tão avultada sem que daí tivesse resultado qualquer benefício e só o erário público tenha ficado mais pobre.

Por que motivo se não aplicou esse dinheiro ou parte dele na melhoria das actuais e mais que deficientes condições de atracação e desembarque da lancha na rampa da ponte em S. Jacinto? É o que abordaremos a seguir.

Lisboa, Dez./78

ALBANO FERREIRA SIMÕES

A propósito de uma votação

Continuação da página anterior

quartel deste nosso século, já entrado no último, as suas indicações para professores — de provimento interino, ainda, como é de supor — eram-lhe solicitadas e praticamente decisivas. Provavelmente contribuiu para a nomeação de alguns aveirenses, com disponibilidade de tempo e conveniência económica, com actividades profissionais no foro, na medicina e nos misteres de escritório, por exemplo.

Não apenas por aveirenses, todavia, se interessou. E, pelo menos em casos mais notórios — e ao contrário do que à primeira vista pareceria — sem se enganar na preferência dada a estranhos a Aveiro.

Em certo momento, sugeriu e patrocinou, com a pertinácia que constituía um dos seus atributos temperamentais mais salientes, a nomeação de Narciso de Azevedo, poeta, investigador, homem de cultura e espírito combativo, que só com sacrifício poderia concluir o seu curso de Direito, para professor da disciplina de Inglês, então incluída no programa da Escola.

•

Candidatara-se ao lugar um aveirense da melhor cepa, de uma família de evidência, largamente ramificada, uma figura de invulgar aprumo e distinção, de educação e trato da mais aprimorada sobriedade, viajado, que dominava tanto as menos habituais dificuldades idiomáticas tanto naquela língua como no Francês. Fôra mesmo, oficial do Exército que era, e que, no posto de coronel, pela impecável elegância com que se fardava, ofuscava qualquer alferes ou tenente preocupados com a indumentária, e dotado como todos reconheciam, daqueles requisitos, — então incomparavelmente menos frequentes do que nos dias de hoje — oficial de legação dos comandos do corpo expedicionário português, à primeira conflagração mundial com, especialmente, os do exército britânico.

Surpreendido e agastado ao ver-se preterido por uma pessoa estranha a Aveiro, para mais com menores conhecimentos específicos para o lugar, esse aveirense, tão garboso e insinuante, tão lhano como excepcional de viril elegância, o então tenente-coronel Carlos Cadoro, 2.º Barão de Cadoro, escreveu a Homem Cristo, manifestando-lhe, magoadamente, a sua estranheza. Invocava as relações de antiga cordialidade existentes entre ambos, provindas já do pai, o primeiro barão, homem cultivado, autor de alguns volumes de ficção, que fora redactor efectivo do «Povo de Aveiro», na fase inicial — estranhou que o bravio e justiceiro polemista, sabendo que ele falava fluentemente o Inglês, tivesse, em seu detrimento, preconizado a nomeação de um indivíduo desprovido de qualquer ligação com Aveiro e que... sobretudo, ignorava os mais elementares rudimentos daquela língua. O que, porventura, aprendeu nos estudos liceais, o terá quase esquecido. Por outras palavras, a ideia era esta.

Homem Cristo, com o consabido gosto da controvérsia, tanto emanada do ardor da combatividade contundentíssima, como do prazer de se divertir, com a ironia e o sarcasmo, que feriam mas não iam eivados de malquerença, tinha o dom de descobrir, pronta e exactamente, o «calcanhar de Aquiles» nos argumentos com que pretendiam confundi-lo. Mesmo quando as asserções tomassem foros de irrefutavelmente sólidas.

Assim sucedera também neste caso. No número imediato de «O de Aveiro», efectivamente, contrapunha os seus argumentos. Sem azedume e bem humorado, com raciocínio sofismado, sem dúvida, mas com a sua penetrante argúcia formulado, como lhe estava no reactivo temperamento de lutador de fundibulário visceral. Com relativa brandura, pois o correspondente dera o flanco

Continua na página seguinte

MUITA ATENÇÃO, AVEIRO!

Continuação da página anterior

dar a Central Distribuidora Livreira e a delegação do jornal «Diário».

Pouco mais de uma hora depois do início do fogo o prédio ruiu. De nada ou de muito pouco valeram os denodados esforços dos Bombeiros das várias Corporações que estiveram presentes no combate ao incêndio, «procurando superar a falta de material técnico e de água com um brio, um espírito de sacrifício, uma intrepidez e um desprezo pela vida» tais que mereceram a admiração de toda a gente.

O fogo tudo levou, calculando-se os prejuízos em cerca de cem mil contos, em parte cobertos pelo seguro.

2 — Isto passou-se no «Bairro Industrial de Coimbra» ao princípio da tarde do dia 6 de Nobembro último, com as trágicas consequências que acabo de referir.

Por associação de ideias, analisemos agora o problema da protecção contra incêndios colocando-nos naquela que, para os lados de Tabueira, virá a constituir, segundo tenho ouvido chamar, a chamada «zona industrial de Aveiro».

Desconheço os planos de segurança estudados e estabelecidos para essa tão importante zona do concelho de Aveiro, planos que, naturalmente, não deixarão de incluir, à partida, as estruturas básicas que permitam, em caso de incêndio, uma acção rápida e eficiente de todas as forças pré-concebidamente preparadas para participar, com êxito, no respectivo combate.

Se essas condições não foram devidamente e antecipadamente estudadas e salvaguardadas, e se nessa zona se vier a manifestar um fogo semelhante ao de Coimbra (longe vá o agouro!), dificilmente deixarão de surgir críticas pertinentes no estilo das que passo a reproduzir ligadas ao fogo havido na Pedrulha:

— «Que País é este que permite que num edifício comum laborem, lado a lado, indústrias transformadoras de materiais altamente inflamáveis (resinas, acetonas e plásticos); firmas que armazenam enormes quantidades de substâncias explosivas, como o gás butano; arrecadações com milhares de pneus e câmaras de ar; distribuidoras de livreiras e de jornais; empresas que se dedicam à indústria de madeiras?

— Como é possível que num só edifício se reunam, legalmente, todos os produtos necessário à destruição rápida e total de uma riqueza que é um pouco de todos nós?

Como aceitar que, diariamente, neste e em tantos outros locais, dezenas ou centenas de vidas humanas corram, talvez inconscientemente, grave perigo?

— Que cidade é esta que permite que a sua zona industrial não tenha um abastecimento de água minimamente capaz de alimentar um só lanço de mangueiras aos seus bombeiros?

— Como é possível que dos vários auto-tanques que a edilidade dispõe apenas pudessem fazer deslocar uma unidade para o local do sinistro e mesmo assim tarde e a más horas?»

3 — Espera-se, pois, que os principais responsáveis aveirenses (gestores camarários, bombeiros, representantes das Companhias de Seguros, gerentes e encarregados de segurança das unidades fabris que venham a ser instaladas na «zona industrial de Aveiro») pensem bem na importância da questão posta, jamais olvidando que o fogo não marca dia, hora ou local para se manifestar, nem perdoa (porque não perdoa mesmo) quaisquer descuidos ou falta de interesse.

Na melhor das intenções (como sempre), aqui fica, em devido tempo, este meu grito de alerta.

Muita atenção, Aveiro!

LÚCIO LEMOS

A Cidade e as Se...cundárias

Continuação da página anterior

havia que, nem de longe nem de perto, em vida, se dedicara ao ensino ou, mais propriamente, às ciências técnicas que a EICA desde há mais de oito décadas vem ministrando. Pois foi precisamente essa a que veio a ser escolhida... A lei das maiorias relativas tem o seu quê de curioso, porquanto, no caso vertente, verificou-se serem 129 os «eleitores inscritos», 111 os «votantes» e 51 os votos «favoráveis». Acontece assim que a *maioria absoluta* (78) não votou no proposto vencedor. Pelo que, lendo de outro modo, 60% do corpo docente da EICA está longe de ser rotulado de «néscio» ou de «opaco analfabetismo». De resto, o Senhor Eduardo Cerqueira sabe isso perfeitamente e talvez por isso mesmo tenha sido tão pouco comedido na sua adjectivação...

Mas, uma vez que a Cidade se ocupou e preocupou com algo que, em princípio, parece pertencer ao foro interno das Secundárias e pretende chamar a si também o direito de se pronunciar — pessoalmente até estou de acordo — seja-me permitido aproveitar esta deixa para focar aqui dois ou três outros problemas não menos importantes que o da escolha do Patrono, e estes, sim, inteiramente dependentes do apoio, do interesse, do concurso da Cidade:

1. Como a Cidade sabe, para a abertura da rua que ladeia a Escola pelo lado nascente, foi necessário que esta cedesse uma parcela do seu terreno privativo, o que foi feito com a natural boa vontade de que sempre a Escola deu provas. Era óbvio, evidentemente, que os acessos e vedações afectados fossem repostos. Passam os anos (mais de um lustro!), as vereações sucedem-se, a voz da Escola de tão insistente é já gritante... e a EICA olha desolada e impotente a devastação de que foi (e continua a ser) alvo!

2. Como a Cidade sabe, o chamado «Plano Director» prevê que um dos principais eixos rodoviários de acesso a Aveiro venha a localizar-se na avenida onde se situam as duas mais populosas escolas secundárias. Será que a Cidade concorda com tal medida?

3. Como a Cidade sabe, um orgão, de suma importância nas relações Escola-Família, é a chamada Associação de Pais e Encarregados de Educação. Sabemos que algumas destas instituições iniciaram já as suas funções nesta Cidade. Mas alguém já viu falar na Associação de Pais, da EICA? É evidente que..., não poderá ser a Escola a constituí-la!

Enfim, apenas umas pequenas achas para a fogueira agora erguida, que outros problemas há, os quais só na compreensão, amparo e carinho daqueles «para quem e de quem principalmente a escola é» poderão encontrar justa e adequada resolução. Que a palavra de Eduardo Cerqueira tenha eco e que a Cidade efectivamente sinta sua uma Escola que lhe pertence.

FRANCISCO SILVA MATOS

A propósito de uma votação

Continuação da página anterior

mostrando abertamente um ponto vulnerável e suscepível de explorado facetamente, logo retorquiu, mais ou menos da maneira seguinte:

«Pois, com que então a qualificação de maior peso e significado que o Senhor apresenta a fundamentar a sua pretensão a um lugar de professor de Inglês é falar correntemente a língua! Essa nem parece sua, tão frágil, tão pindérico é o argumento. Oiça lá: — «Pois não é verdade que correntemente, com desembaraço, talvez com uma loquacidade torrencial, fala Português o seu impedido? E que lhe parecería se ele fosse nomeado professor de Português?»

Ora a verdade é que Homem Cristo que o poder de penetração no apreciar dos homens, que constituíam um dos timbres que mais se lhe reconhecia, descontados os excessos de azedume ou de arrebatamento, acertou na preferência. O Barão de Cadoro, de quem por muitos títulos guardo recordações de viva simpatia, era, por benevolência natural e impreparação pedagógica, como demonstrou, regendo a mesma cadeira no liceu, e eu próprio posso testemunhar, um professor, francamente estimável, mas que não satisfazia. E, ao contrário, Narciso de Azevedo, aprendendo para ensinar, quase paralelamente com os alunos, ou de pouco se lhes antecipando, foi um professor com bastante eficiência.

●

Outro caso provativo da interferência de Homem Cristo nas nomeações de professores e mestres foi a de João José de Almeida, autodidacta com bagagem de saber muito acima do comum, descendo a pormenores os mais insignificantes, insaciável leitor de toda a sorte de papel impresso, estudioso em todos os momentos disponíveis, assiduíssimo frequentador da Biblioteca Municipal do Porto, onde supria, aliás, as necessidades e apetências que a falta de recursos não lhe permitia satisfazer doutro modo.

Uma ocasião, Homem Cristo, dizia-me desse amigo, rebarbativo mas constante e lealíssimo, a quem a leitura e as consultas bibliográficas e documentais não deixavam sobras de tempo para qualquer espécie de diversão, e, assim, constantemente acrescia o cabedal de conhecimentos, servido por uma excelente memória, e se apresentava com o aspecto descuidado de quem das regras da higiene conhecia pouco mais que a teoria livresca ou tinha um soberaníssimo desprezo: «Este indivíduo tem uma crosta de porcaria por fora tão grande como a carapaça de saber por dentro do crâneo!»

E dava essa sensação, com efeito, de que o saber deste estudioso pesado e espesso se estratificava em côdeas sucessivas, de conhecimentos conglomerados como que numa biblioteca viva. Colaborador do «Povo de Aveiro» denso e extenso, com pesadas produções mais ou menos alheias às realidades, e nas quais, contrapontisticamente, se comprazia em variações e rodeios especulativos, idealista eminentemente teórico até ao fim da vida, Homem Cristo chamava-lhe, ironicamente, embora em tom de afabilidade amistosa, «o grande português».

Ele o indicou, obteve a colocação e lha manteve, na escola aveirense a esse homem amargo, acerbamente crítico, no fundo com um sentimento de revolta, que não conseguia vencer por ver tantos outros menos dotados a disfrutar de muito melhores condições de vida. Ele conseguiu assegurar-lhe um meio de subsistência, permanente ainda que de proventos modestos, a esse homem em que as horas de acritude se sobrepunham aos escassos momentos de optimismo e jovialidade, inveterado fumador de cachimbo, com o bigode grisalho e desplicentemente caído, torrado ou com insuficientes contacos com a água.

Contava-se que redigia, há meio século bem contado, e depois as glozava em longas conversas complementares esclarecedoras, ao preço fixo de meio conto, algumas dissertações finais para licenciaturas em letras, especialmente de temas históricos ou filosóficos, na faculdade portuense. E, se as reminiscências me não atraiçoam, sempre havidas como de qualidade merecedora de franca aprovação.

Mais propenso ao solilóquio que ao diálogo convivente e intercambiante, sarcasta eriçado de espinhos, em certas ocasiões de uma mazombice fechada, Homem Cristo, não obstante ser um extrovertido, não só lhe obtivera o modesto emprego — pois as suas habilitações oficiais não consentiam melhor, mas por vezes dava-lhe acolhida em casa. Certo dia, já não me lembro a que propósito, dizia-me: — «Este Almeida é um malcriadão. Dou-lhe às vezes dormida. Dou-lhe outras de comer. Leva-me os livros e esquece-se de mos trazer. Aquece-se aqui à minha beira, junto ao fogão. Pois senta-se à mesa e nem cumprimenta a minha irmã. Só fala comigo e só me conhece a mim».

●

Lembro-me que um dia, em pleno consulado salazarista, passei algum pedaço de tarde, como frequentemente me sucedia, no escritório-biblioteca, rodeado de estantes pejadas com largos milhares de volumes, na semicave da residência de Homem Cristo. Mal cheguei — e, não, claramente, para que eu respondesse, pois bem sabia que eu não dispunha de qualquer dom divinatório — disparou-me, na evidente intenção de me relatar em seu gesto de como bem humorada e indirecta punição, uma pergunta, que deixei em suspenso:

— «Sabe quem aqui esteve ontem?»

Respondi, como é lógico, que, naturalmente, ignorava. E o velho, argutíssimo jornalista, com os vivos olhos míopes a luzir através das espessas lentes, revivendo com gosa disposição a pequena «partida» pregada com ares de extremada delicadeza — o jornalista que foi ao mesmo tempo o mais independente, o mais bravio, o de maior poder de comunicabilidade que conheci, e que nos momentos de agreste impetuosidade aliava os de alegre disposição — logo me elucidou:

— «Foi a Fernanda Ferro. (A poetisa Fernanda de Castro, casada com o jornalista e escritor António Ferro, então na ascensão de evidência política). Tanto ela como o marido sempre me trataram bem e não desgosto deles. Mas ultimamente o marido tem dito muita asneira. E como não surgiu oportunidade de lhe calcar os calos, pagou ela, reflexa e amenamente. Com delicadeza, com a atenção com que às suas me sabia corresponder, e me merecia, convidei-a a sentar-se. Mas naquela cadeira de recosto, a preferida habitualmente pelo João José de Almeida. Levou, muito provavelmente algumas pulgas desse tão pouco asseado filósofo».

E abria a fisionomia, num sorriso divertido, satisfeito pelo eventual castigo infligido à esposa do jornalista saído fora dos carris.

●

O relato destes episódios, acudidos à recordação por associação de ideias, vem a propósito da interferência directa e decisiva de Homem Cristo na colocação dos dois professores recordados na antigamente denominada Escola Industrial e Comercial de Fernando Caldeira e simultaneamente do empenho que manifestou, e com que contribuiu para que esse estabelecimento de ensino fosse tomando crescente amplitude.

Ora esta circunstância, além de outros dados, deficientes ou errados de aferição de méritos e requisitos merecedores de evocação e perpetuação, ignoravam os professores, que por Aveiro meteoricamente perpassam, e sem estabilidade e qualquer integração no meio aveirense exercem uma função docente naquela escola. Ora para uma circunstância desta natureza, uma grande parcela dos instareus docentes, inindificados com os sentimentos da generalidade da gente de Aveiro, é de leigos, de inscientes e indiferentes ao que os aveirenses sentem, pensam e desejam. E o que admira, mais do que o erro e o melindre causado por esses professores que episodicamente passam — passam e não param nem muito menos se fixam — por Aveiro, o Ministério haja levianamente considerado de algum interesse e significado a consulta em que as considerou em assuntos a que são inteiramente alheios.

Na circunstância claramente o demonstraram, votando ao invés do que seria correcto e se harmonizaria com a preferência incontroversa dos aveirenses. A Escola Secundária reabilitou todavia o nome de Homem Cristo e eu para a Escola Técnica, insisto, assim, em João Jacinto de Magalhães.

EDUARDO CERQUEIRA

Continua na página seguinte

Direito de Trabalho

Continuação da página anterior

duma política social de que beneficiaram os empregados e operários.

Criaram-se os instrumentos jurídicos para a solução dos conflitos laborais e ajustaram-se as estruturas administrativas, centrais e regionais, para os acompanhar.

Entidades patronais e trabalhadores, através dos respectivos órgãos representativos, negociavam e redigiam os acordos ou contratos colectivos e se não chegassem a acordo lá estaria o Estado para suprir as divergências e em último recurso emitir uma Portaria ou Despacho cuja legalidade ninguém contestava.

Entretanto a economia prosperava, os empregos aumentavam, os salários reais subiam, as famílias estabeleciam com segurança o seu quadro de vida e os jovens estudantes tinham certo o acesso à vida activa e o trabalhador tinha a liberdade e a possibilidade de escolher trabalho, tantas eram as solicitações à sua capacidade e à sua dedicação.

Isto não significa que não houvesse conflitos nas empresas ou que não existissem greves.

Se os Serviços Oficiais pudessem dispor de dados estatísticos concluir-se-ia que muitos foram os conflitos e muitas foram as greves, mesmo nos últimos tempos até ao 24 de Abril de 1974.

Só que não lhes era dada publicidade, não era conhecida a fraseologia hoje vulgarmente aplicada, não se criavam nem se alimentavam climas de emoção que pudessem radicalizar posições.

Com o 25 de Abril abriram-se os «diques da liberdade» e a consertação dos interesses pelos parceiros sociais foi substituída pela luta, pelo sequestro, pelo saneamento, pela prisão, pela guerra psicológica, e os meios de comunicação social, como se mais nada de interesse houvesse neste País, reservavam-lhes os melhores espaços nos jornais, o privilégio nos telejornais e na rádio como se as greves e lutas fossem o instrumento mais eficaz para prosperar a economia, traçar arrojados projectos sociais e enriquecer o património cultural da Nação...

Mesmo neste fim de ano, em que os políticos, ditos responsáveis, proclamam a fraqueza da nossa economia e lançam apelos ao trabalho, e os homens da Governança deste País se esforçam por pôr a casa em ordem, aparece um surto de greves e de guerra de comunicados a contrastar com a ânsia de paz e bem-estar da generalidade dos Portugueses...

★

Aveiro, apesar de tudo, sempre foi e continua a ser um exemplo de equilíbrio neste País que sofre por retomar o seu rumo e vai investindo, vai trabalhando e vai aumentando os postos de trabalho, vai criando e vai distribuindo riqueza, alheio e indiferente aos pregoeiros da má sorte!

O comércio de Aveiro pode ser citado como o sector que não teve conflitos ao longo de todo o ano.

E no entanto três contratos colectivos foram publicados: para os talhantes, para os electricistas, e para o comércio em geral.

As negociações foram conduzidas pelos Sindicatos e pelas Associações Comerciais no maior espírito de abertura e no respeito mútuo pelos respectivos interesses.

A população nem se apercebeu dos contactos e das posições assumidas pelas partes.

Tudo se passou em clima de diálogo e no desejo de fazer justiça a todos, protegendo os menos favorecidos.

★

Os organismos intervenientes bem merecem o reconhecimento de quantos da sua acção beneficiaram.

Em breve se procederá a novo ajustamento do CCT e bom é que reine o mesmo espírito de compreensão e de entendimento. Não se pode perder tempo em querelas ou pequenas coisas. O que for possível será dado sem prejuízo do reconhecimento de que os trabalhadores (e não só) enfrentam uma subida do custo de vida que a todos torna o futuro incerto.

Mas a justiça está no equilíbrio possível no momento da negociação.

Crê-se que ele será encontrado.

ALBERTINO DE OLIVEIRA

VISEU-AVEIRO

deiros conterrâneos se tratasse. Apaixonados e enraizados pela e na terra adoptiva, numerosos são os que têm ocupado com proficiência e inteligência posições de destaque e notabilizado por um acendrado e marcante aveirismo — que ultrapassa o de quantos naturais! — na defesa acérrima dos interesses de Aveiro, e do distrito que encabeça.

Ser-nos-ia fácil nomear alguns desses homens, mas delicado, se porventura omitíssemos — embora involuntariamente — qualquer que, como os demais, fosse digno de enfileirar nos lugares de honra da terra aveirense. Permitam-nos, entretanto, — homenageando assim todos os aveirenses-serranos — relembrar aqui o beirão ilustre, distinto, simples e magnânimo, de tratamento ímpar e porte irrepreensível, que foi, como garboso e aprumado oficial de Cavalaria, Comandante do Regimento aquartelado então na cidade — o Coronel Américo Roboredo de Sampaio e Melo. Serrano da melhor estirpe, amou acrisoladamente Aveiro, como a Viseu amava. Aberto às gentes mais modestas, ele desempenhou com o maior carinho as funções de embaixador plenipotenciário de Viseu em Aveiro, e vice-versa, com tal proficuidade, que criou no espírito dos aveirenses uma amizade e admiração invulgares, por concomitante, extensiva às gentes da capital da Beira-Alta e região.

Como no caso vertente, a aproximação dos povos, sejam quais forem os quadrantes e a cadeia de unificação, é sempre benvinda e benéfica.

Numa época em que o mundo se debate — por antagonismos ideológicos, que esmagam as mais salutares tentativas para encontrar a chave da equação que resolva, com justiça, os intrincados problemas da Humanidade, densamente nebulosos — é com regozijo que saudamos os que, de bandeira verde desfraldada, procuram aterrar o fosso profundo que separa os homens, irmanando-os. Caminhada árdua, que a inspiração dos bem intencionados enceta, na louvável missão de conciliar o homem com o homem seu irmão, e o lançar, face a face, num abraço confiante, em dádiva total e definitiva.

Foi o facto recente da cidade japonesa de Oita, que trouxe até nós um abraço longínquo de fraternidade universal, que o protocolo firmou, em amistosa irmanação. Pois é da irmanação no que concerne à Cidade de Viseu, que se torna imperioso firmar, pelo muito que Aveiro deve ao histórico burgo, e região, não só pelas gentes ordeiras e laboriosas que aqui se acolheram, e contribuiram com o seu esforço para o engrandecimento desta terra, como pela entusiástica defesa posta na consecução da estrada Aveiro-Viseu-Vilar Formoso, valioso empreendimento pelo qual os seus homens responsáveis se têm persistentemente batido, numa frente de solidariedade, bem pouco (diga-se) correspondida pela nossa parte, se levarmos em linha de conta os múltiplos benefícios que essa obra de extraordinária importância representa.

São pois os elos geográficos e humanos que nos ligam, que justificam, em plenitude, em consciência e por gratidão, por fraternal e são convívio, o nosso mais vivo reconhecimento, a nossa homenagem — por mais singela que seja — pelo quanto de válido têm realizado as gentes visienses, nestas paragens que também são suas, pelo prolongamento natural que nos une, pela mensagem primeira de amizade de que o Vouga foi portador.

Os beirões-serranos e a sua região bem o merecem; e, como galardão, (para já) ousamos solicitar, à comissão de toponímia da Edilidade aveirense, que, muito em breve, seja consagrada, em artéria condigna a nossa mais irmã do que nenhuma — Cidade de Viseu.

AMADEU DE SOUSA

A generosidade no DISTRITO DE AVEIRO

● Em números absolutos, o Distrito aveirense foi o terceiro do País (depois dos de Lisboa e Porto) no contributo para a *Liga Portuguesa Contra o Cancro*, no que se refere ao último e recente peditório; em números relativos (e é o que importa acentuar, dada a enorme diferença populacional entre o Distrito de Aveiro e aqueles dois «grandes»), foi o PRIMEIRO!

Total: 1 044 274$90! Só o concelho de Aveiro, contribuiu com 291 400$30, seguido pelo da Feira, com 143 857$10.

● Também a *Cruz Vermelha Portuguesa*, com a «Operação Pirâmide», conseguiu um êxito extraordinário a nível nacional.

Ainda não temos concretas referências quanto a números da contribuição do nosso Distrito; mas é de supor que ela se haja processado nos parâmetros da já consabida generosidade dos aveirenses.

LANÇAMENTO DO CÓDIGO POSTAL

No dia 2 de Janeiro do próximo ano será lançado o Código Postal em Portugal.

Esta medida, que a modernização dos Serviços de Correio e a resolução dos problemas levantados pelo aumento do tráfego postal impunham, não é uma medida isolada nem simples. Adoptá-la, significa, entre outras coisas, investimento em equipamento, remodelação das instalações, formação do pessoal, informação e mentalização dos públicos interno e externo para a quota parte de responsabilidade que a cada um caberá nesta acção.

Assim, nos últimos meses, os Correios Portugueses desencadearam uma vasta gama de acções preparatórias do lançamento do Código Postal. Visitas a todos os grandes utentes, distribuição de folhetos informativos e de listas do Código, visitas a casas Impressoras, reuniões com gestores e pessoal mais ligado à expedição das correspondências, são alguns dos exemplos que podemos apontar.

Hoje, no ILLIABUM, espectáculo de Natal

A Secção Cultural do Illiabum Clube leva a efeito hoje, 22, um espectáculo de Natal, cuja receita reverterá a favor das crianças pobres do concelho de Ílhavo.

Não se trata de uma festa de caridade: é, sim, um acto de solidariedade para com aqueles que, desde sempre, vêm sendo esquecidos, elaborada na certeza dum futuro diferente que saberemos construir.

O programa do espectáculo é o seguinte:

1.ª Parte — Representação do «Auto do Ti Jaquim», de António Aleixo, pelo grupo de teatro do Illiabum Clube.

2.ª Parte — Poemas e canções por: Geraldo Alves, Artur Ramisote, Júlio Catarino, Viriato Teles, Grupo Jakarandá, Silvina Maria, Velhas Guardas, e Maria do Rosário.

CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL

Em 2 do corrente e na sede do C.D.S. de Aveiro, foi eleita a nova Comissão Executiva Concelhia da Juventude Centrista. E, no pretérito sábado, 16, em Ovar, procedeu-se à eleição dos novos orgãos distritais do Partido.

No próximo número daremos os nomes dos eleitos, conforme notícia já em nosso poder, mas que a falta de espaço nos impede de publicar na presente edição.

Falou no Rotary o PRESIDENTE DA CÂMARA

Em 5 do corrente, e no decurso de um dos costumados convívios do Rotary, que decorreu no Hotel Imperial, o Dr. José Girão Pereira, Presidente do Município aveirense, proferiu uma substanciosa e oportuna palestra, focando importantíssimos problemas regionais.

A Imprensa — designadamente alguns grandes diários — deram (e continuam a dar) grande relevo aos temas então desenvolvidos pelo ilustre palestrante, bem como a intervenções de alguns dos ouvintes.

Também o *Litoral* se não demite duma mais desenvolvida referência ao marcante acontecimento — para o que está a coligir todos os indispensáveis elementos destinados a uma elucidativa reportagem.

ACHADOS

Encontram-se na Secretaria da P.S.P. de Aveiro os seguintes objectos, achados na via pública e que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: colar de fantasia; certa importância em dinheiro; pneu c/ jante; várias chaves; óculos graduados; várias carteiras c/ documentos em nome dos seguintes indivíduos — João Santos Vidal, Victor Manuel Gonçalves da Lomba, Carlos Manuel H. Dinis; bolsa c/ artigos escolares; chapéu de chuva; camisola de malha; cédula em nome de Anabela Cruz e Silva; saco de batatas; porta-moedas, c/ certa importância; saca plástica c/ diversos artigos em nome de Raul Teixeira Rodrigues.

Na Universidade de Aveiro EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Abriu na segunda-feira, 18, no Pavilhão Escolar da Universidade de Aveiro, à Rua Calouste Gulbenkian, uma exposição de livros e periódicos britânicos sobre «Planeamento Rural». Especialmente organizada em Londres pelo British Council para ser apresentada nos principais centros científico-culturais do estrangeiro, esta Exposição é constituída por uma selecção representativa de cerca de 260 livros e 15 revistas recentes sobre Planeamento Rural, abrangendo as suas diversas secções obras sobre Cooperativas agrícolas e comercialização; economias, estruturas e políticas agrárias; gestão e equipamento de exploração agrícolas; paisagem e conservação; desenvolvimento e extensão rural; saúde rural, etc.

A Exposição, que é apresentada em Portugal pelo Instituto Britânico, manter-se-á aberta até hoje, 22.

Mais uma exposição de ZÉ AUGUSTO

Nas dependências da Comissão Municipal de Turismo, o conhecido e reputado artista cerâmico Zé Augusto — ao qual, por mais duma vez temos feito especial e merecida referência — expõe, desde 16 do corrente e até 26, alguns dos seus valiosíssimos trabalhos.

A exposição pode ser visitada das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 22 horas.

MOVIMENTO HOSPITALAR

No mês de Novembro último, o número de internamentos no Hospital de Aveiro cifrou-se (apuramento feito no dia 30) em 289.

Durante o mesmo mês, o movimento, ali, foi o seguinte: *Serviços de Urgência* — consultas no Banco, 2794, tratamentos, 1302, e injecções, 320; *Banco de Sangue* — transfusões de sangue, 116, e transfusões de plasmas, 15; *Intervenções Cirúrgicas* — grande cirurgia, 278, e pequena cirurgia, 59; *Raios X* — radiografias efectuadas, 2359, e sessões de Fisioterapia, 1958; *Análises Clínicas, 4255; Consulta Externa* — consultas, 1246, tratamentos, 419, e injecções, 63; *Obstectrícia* — partos, 120.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 22 — às 21.30 horas; Sábado, 23 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 24 — às 15.30 horas; e *Segunda-feira, 25 — às 15.30 e 21.30 horas* — AS RODAS DA FORTUNA — Não aconselhável a menores de 18 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 22 — às 21.30 horas — A JUSTICEIRA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 23 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 24 — só às 15.30 horas; Segunda-feira, 25 — às 15.30 e 21.30 horas; e *Terça-feira, 26 — às 21.30 horas* — A SUPER PATRULHA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

CRIMINALIDADE E DILIGÊNCIAS POLICIAIS NA ZONA URBANA

Conforme informação do Comando Distrital de Aveiro da PSP, os aspectos mais característicos nos domínios criminais, bem como as actividades da diligente Corporação, na zona da cidade e referentes ao mês de Novembro, foram os seguintes:

1. **Aspectos relativos à criminalidade:**

a. Participações e queixas recebidas, 198.

Por furto de automóveis — 1 (579 345$00); Por furto de velocipedes — 2 (2 200$00); Por furtos diversos — 24 (1 546 808$00); Por cheques s/ cobertura — 5 (62 005$00); Por agressão — 7; Diversas — 159.

b. Caracteristicas

Salientam-se os três furtos, de valores elevados, neste periodo (Novembro); o da oficina de ourivesaria, o do arrombamento do cofre da Fábrica «CAMPOS» e o dos Armazéns «Cortiço Dourado», cuja prática denota um carácter selectivo ou estranho da sua execução.

2. **Aspectos relativos a actividade da PSP**

a. Prisões efectuadas: Em flagrante — 12.

b. Valores recuperados (furtos diversos) — 1 000 000$00.

c. Autuações efectuadas: Ao Código da Estrada — 113.

d. Autuações por infracções anti-económicas — 5.

e. Inquéritos preliminares (criminalidade) — 52.

f. Inquéritos preliminares (acid. de trânsito) — 35.

g. Processos relativos a armas, 5.

h. Horas de patrulhamento e ronda, 7 212; Patrulhas apeadas, 6 567; Patrulhas auto, 309; Sinaleiros, 336.

i. Características

Salienta-se a detenção dos 3 autores do furto da oficina de ourivesaria e consequente recuperação, quase total (1 000 000$00), dos valores furtados.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE AVEIRO

AVISO

Professor do 12.º Grupo — Electricidade

A Escola Secundária de Aveiro põe a concurso um horário completo do 12.º Grupo — Electricidade, cujos requerimentos devem dar entrada na Escola até ao dia 28 de Dezembro.

FALECERAM:

● Na madrugada de 6 do corrente, vitimado por enfarte do miocárdio, viria a falecer, no Hospital Regional de Aveiro, o sr. Carlos Miguéis Picado, que residia na Travessa do Comandante Rocha e Cunha.

Pessoa muito conhecida e estimada em Aveiro, onde nascera há 67 anos, foi um dos componentes do primeiro núcleo regional do Corpo Nacional de Escutas. Profissional competente nos domínios da construção civil, o extinto regressara, há três anos, de Benguela.

Deixou viúva a sr.ª D. Maria José Soares de Almeida; e era pai da sr.ª D. Maria José Soares Picado e dos srs. João Carlos, Antero e Francisco José Soares Picado.

Foi a sepultar, no dia imediato, em campa de família, no Cemitério Sul.

● No mesmo dia, faleceu, após prolongada enfermidade, o sr. António Leitão, natural de Pocariça (Cantanhede).

O saudoso extinto, que contava 64 anos de idade, era creditado comerciante que justificadamente gozava da estima de quantos lhe reconheciam as virtudes e qualidades.

Deixou viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Jorge da Fonseca; e era pai da sr.ª D. Maria de Fátima da Fonseca Leitão Lemos, esposa do nosso assíduo e distinto colaborador Dr. Lúcio de Jesus Lemos, residentes em Aveiro, e dos srs. António José da Fonseca Leitão, morador em Espinho, e José Carlos da Fonseca Leitão, ausente no Brasil.

Foi a sepultar na tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja de Pocariça.

● Com 49 anos de idade, faleceu, no dia 10, o sr. António Martins Peres, vitimado por doença súbita.

O saudoso extinto, que residia na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 131-2.º e foi a sepultar no Cemitério Sul, deixou viúva a sr.ª D. Rosa Maria de Andrade de Almeida Rino Peres.

● Vitimado por derrame cerebral, faleceu, no dia 11, no estado de solteiro, o sr. Vicente Rodrigues Seabra.

Contava, apenas, 26 anos de idade. Foi a sepultar no Cemitério Central.

Às famílias em luto,
os pêsames do Litoral

DAR SANGUE É UM DEVER

TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AVEIRO

BOMBEIROS VELHOS	[illegible]
BOMBEIROS NOVOS	[illegible]
P. S. P.	22082
HOSPITAL DA MISERICÓRDIA	22138 22134 25006 25007
CASA DE SAÚDE DA VERA-CRUZ	23011
POSTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE	27571
AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL	22871
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES	24485
C. T. T.	23101
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS	28055
TAXIS — PR. MARQUÊS DE POMBAL	24275
— ESTAÇÃO	22948
— PONTES	28766

AGRADECIMENTOS

Alberto Casimiro, filho, nora e netas agradecem os cumprimentos de pêsames e assistência ao funeral de sua Mulher, Mãe e Avó, Zulmira Casimiro.

Carlos Miguéis Picado

Esposa, filhos, genro, noras e netos, e demais família, vêm por este meio, agradecer a todos quantos tomaram parte no seu doloroso pesar e na missa do 7.º dia.

Aveiro, Dezembro de 1978

Eduardo da Costa Pereira Varela

Seu marido, filho, nora, netos e restante família vêm por este único meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral ou de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar, a todos expressando a sua profunda gratidão.

Aveiro, Dezembro de 1978.

Manuel Ramiro Gonçalves, funcionário dos CTT em Aveiro, sua mulher e restantes familiares, vêm, por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por falta de endereços, agradecer a todos quantos, de algum modo, se associaram à sua dor por virtude do falecimento de sua filha, Matilde Martins Gonçalves, de 9 anos de idade, aproveitando para pedir desculpa por qualquer falta que involuntariamente possam ter cometido.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÍLHAVO

Comunicado

A Câmara Municipal de Ílhavo, reunida extraordinariamente e de emergência em 13/12/78, face à gravidade da situação que se verifica com as povoações da Barra e Costa Nova a ser novamente atingidas pelo avanço do mar, delibera emitir o seguinte comunicado:

1.º — O mar novamente invadiu as aludidas povoações tendo ligado à ria de Aveiro a sul da praia da Costa Nova;

2.º — É profundamente lamentável e desolador que as Entidades competentes continuem a demonstrar a maior indiferença e alheamento pela ameaça progressiva do mar, que se vem processando de ano para ano, resultante da erosão das dunas de areia, única e natural defesa dos terrenos sobretudo a sul da Costa Nova;

3.º — Tem esta Câmara conhecimento que a entidade local que directamente superintende no assunto, Junta Autónoma do Porto de Aveiro, não tem disponibilidades orçamentais que possam realizar uma defesa da costa atenta e conveniente, para salvaguardar as margens adjacentes onde estão implantadas povoações e terrenos agrícolas de alto valor;

4.º — Lastima esta Câmara que este porblema de tão grande acuidade não transcenda o âmbito das resoluções e capacidade da entidade atrás citada que, pesem embora a boa vontade e capacidade dos seus técnicos, se tem demonstrado impotente para a realização das obras necessárias para suster o avanço do mar;

5.º — É incompreensível que por tudo e por nada se fale na defesa dos interesses e direitos do povo, quando as forças governamentais têm vindo a fazer letra morta dos veementes apelos desse verdadeiro povo desta região que tem sobre si o espectro iminente da tragédia e se sente cada vez mais desoladamente só, completamente ao sabor das inclemências da natureza;

6.º — A Câmara Municipal de Ílhavo, que sempre chamou a atenção das entidades locais e do Governo no sentido de que definitivamente se ponha fim à situação aflitiva em que têm vivido as populações mais directa e duramente atingidas, reclama que de imediato sejam tomadas as mais eficazes e convenientes medidas para pôr cobro a possíveis tragédias que podem afectar inclusivamente toda a região.

Câmara Municipal de Ílhavo, 13 de Dezembro de 1978.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

(1.ª Secção — 2.º Juízo)

ANÚNCIO

Faz-se saber que por sentença de 17 de Novembro de 1978, proferida nos autos de Acção Especial para declaração de morte presumida em que é requerente Maria da Costa, casada, doméstica, residente na Póvoa do Valado, deste concelho e comarca, registada sob o n.º 27/76, a correr termos pela 2.ª Secção, foi declarada a morte presumida de Manuel Dias dos Santos, casado, trabalhador agrícola, filho de José Dias dos Santos e de Rosa Maria, natural do lugar do Carregal, da freguesia da Póvoa do Valado, deste concelho e comarca de Aveiro, tendo sido fixada para a mesma a data provável do ano de 1914. O requerido Manuel Dias dos Santos, teve a sua última morada conhecida no lugar da Póvoa do Valado, da freguesia de Requeixo, deste concelho e comarca de Aveiro.

Aveiro, 20 de Novembro de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,
a) *José Alexandre de Lucena Vilhegas do Vale*

O ESCRIVÃO AUXILIAR,
a) *Luís Xavier de Sousa*

LITORAL-Aveiro, 22/12/78 — N.º 1229

DESPORTOS

o prélio, que os jogadores — mesmo sentindo, desde cedo, que o árbitro lhes concedia um clima de «roda-livre»... — actuaram dentro de aplaudível lisura de processos, sem recurso a jogo subterrâneo nas jogadas de choque que o estado do relvado podiam propiciar. Houve, efectivamente, luta viril, entusiasmo desbordante, mas sempre lado-a-lado com correcção sem mancha — o que se releva, e com total aprazimento.

●

O desfecho final de 3-2 favorável à turma dos campeões nacionais, representa gritante injustiça, tendo em atenção o labor das duas turmas que se defrontaram. A actuação dos beiramarenses (ao longo de toda a segunda parte, de modo muito especial) era credora, sem favor, de compensação diferente, de um prémio positivo, do triunfo neste embate — uma vez que até um empate poderia considerar-se lisonjeiro para os «azuis-e-brancos».

Mas o futebol, como jogo que é, tem destes caprichos — sendo sem conta o número de vezes em que acaba por ganhar quem deveria perder, e vice-versa...

Foi o que ocorreu no Estádio de Mário Duarte.

À passagem do quarto de hora, após período em que as turmas pouco se tinham arriscado — preferindo ambas, em fase de estudo, exercer apertada vigilância sobre os antagonistas tidos como mais perigosos ou mais influentes nas manobras dos seus teams (casos dos «policiamentos» de que foram alvo os beiramarenses Sousa, Niromar, Garcês e Manecas; e os portistas Oliveira, Gomes e Frasco) — os visitantes adiantaram-se no marcador: num lançamento rápido, Oliveira esgueirou-se pelo flanco direito, correndo sem oposição até à linha de cabeceira, donde centrou de pronto, permitindo o remate vitorioso de GOMES.

Até então, jogara-se «taco-a-taco», mas o Beira-Mar vinha a ser mais acutilante, mais perigoso e mais rematador. Logo aos 3 m., a turma «auri-negra» ganhou um canto, em defesa de Torres, no chão, dando o corpo a impedir remate-centro de Germano; aos 6 m., num autêntico slalom de Niromar até à cabeceira, surgiu um centro a causar pânico na extrema-defesa contrária — mas, na zona da meia-lua, o árbitro complicou, com a sua presença, os aveirenses que ali acorreram (e se atrapalharam mutuamente...) para concluir o lance...

O F. C. Porto, aos 10 m., criou a sua primeira ocasião de ataque, em fuga de Frasco, pelo flanco esquerdo: o médio do grupo forasteiro arrancou centro medido, forçando Leonel a ceder corner. Três minutos depois, de longe, e à figura de Padrão (com tempo para amortecer a bola e, a seguir, completar a defesa), anotámos um remate de Duda.

Apareceu, como se descreveu, o primeiro golo. Mas, logo na resposta, aos 16 m., em centro de Niromar, depois de bater excelentemente Murça, houve hipótese para reposição da igualdade. O árbitro ordenou, agindo com acerto (apesar de protestos, injustificados, de certo sector do público), livre indirecto, quase na marca de grande penalidade, por obstrução de Teixeira a Garcês. A barreira — colocada a distância inferior à que os regulamentos preceituam... — impediria, porém, que o esférico (rematado por Garcês, em toque de Sousa) atingisse as malhas da baliza de Torres...

Sob centro de Soares, em jogada de insistência em que intervieram Veloso e Niromar, aos 19 m., Murça anulou a tentativa de finalização de Sousa; e, no mesmo lance, quando ia a arrancar para a recarga, Manecas escorregou e o perigo desapareceu...

Tudo apontava para a possibilidade do 1-1 surgir a qualquer instante, quando os comandados por Pedroto fortaleceram a vantagem, aos 22 m.: Sabú demorou a bola em seu poder, não aliviando de pronto, e consentindo que Marco Aurélio lha disputasse, com êxito, dando-a logo para o lado, onde FRASCO, muito oportuno e muito feliz, acertando bem com o pé no esférico, arrancou vistoso remate cruzado, que surpreendeu Padrão e deu o 2-0 à sua turma.

Naturalmente eufóricos, os portistas procuraram aproveitar-se da quebra de ânimo, que, certamente, por momentos se apoderou dos aveirenses. Assim, aos 23 m. (em jogada em tudo semelhante àquela de que nascera o primeiro golo do encontro), Oliveira fugiu rente à linha lateral, sem qualquer adversário que lhe desse luta, e centrou: Gomes recebeu a bola e rematou, parecendo o golo ir concretizar-se, quando Soares, sobre a linha de baliza, substituiu com êxito o seu guarda-redes...

Os beiramarenses, recompondo-se a breve trecho, procuraram não se impressionar com a desvantagem. E, de modo intencional, vieram para o ataque, no intuito de virarem o resultado. Aos 25 m., na sequência do livre originado por placagem de Marco Aurélio a Sabú (dando azo ao cartão «amarelo» que o árbitro mostrou ao médio portuense), houve abertura para Germano e centro pronto deste, gerando-se situação embaraçosa para o guarda-redes Torres, que, tendo sido batido inicialmente, recuperou a bola, que ficara sob o corpo do aveirense Niromar, na queda do fogoso avançado brasileiro.

Verificou-se, aos 28 m., a primeira substituição: Fernando Cabrita fez sair um médio-defesa (Leonel) e entrar um dianteiro (Keita) — na intenção, evidente, de fortalecer o sector avançado. No minuto seguinte, Niromar forçou Murça à cedência de novo pontapé de canto: Sousa marcou a falta e, com Torres longe dos postes, Germano, na meia-lua, caiu quando tentava a recarga...

Muita sorte dos portistas, aos 34 m., quando num centro de Manecas, após atraso de Keita, Veloso atirou à baliza e Murça, desviando a trajectória da bola, a fez embater na barra da baliza de Torres!

Ainda na primeira parte, deve anotar-se, aos 40 m., um excesso de rigor, com algo de teatral (bem dispensável...), com que o árbitro indicou a Marco Aurélio o local para a marcação de um livre, em falta de Niromar sobre Frasco — e que Marco Aurélio apontou, para Padrão defender, afastando a bola com uma palmada.

Aos 44 m., boa tabelinha entre Niromar e Garcês, pela zona frontal, em que o último, depois de flectir para a esquerda, dentro da grande área, finalizou com remate raso, batendo Torres — mas fazendo a bola sair rente ao poste, depois de cruzar toda a baliza (Niromar, acompanhando bem o lance, levava o passo trocado, pelo que não logrou fazer a emenda para as redes desertas...)

●

Quando os grupos regressaram das cabinas para a segunda parte, pensava-se que o F. C. Porto — de certo modo tranquilo pela margem favorável de dois tentos e, para além disso, servido por elementos com maior estilo e maior classe — ia impor-se, exibindo as suas credenciais de campeão que ambiciona revalidar o título que ostenta.

Puro engano, porém, para quantos assim conjecturaram. Muito provavelmente, porque, logo aos 50 m., o Beira-Mar reduziu para 1-2 — com golo apontado por SOUSA, com remate sem preparação, de fora da grande área, sob passe de Niromar —, os aveirenses passaram a dominar por completo as operações, sempre num crescendo de produção ofensiva, ao passo que os portuenses, aos poucos iam baixando o nível exibicional, nunca tendo atingido, de resto, bitola exigível a um conjunto que reune autêntica constelação de estrelas e astros...

Teixeira, aos 52 m., cortou, in-extremis, um centro de Germano, que arrancara para a área, com sinal de perigo, depois de falta de Gomes sobre Sousa... Dois minutos após, o

Continuações da última página

árbitro (apesar das indicações do liner do lado da bancada) fez vista grossa a carga de Murça sobre Niromar; e, aos 55 m., houve falta contra os portistas, cartão «amarelo» para Quaresma e assistência do massagista a Gomes... — tudo dentro do mesmo e controverso lance, meramente ocasional, acentue-se...

Contra a corrente do jogo, aos 57 m., e com imenso azar dos seus defesas, Sabú (a falhar o corte) e Quaresma (a fazer auto-golo, junto a um poste, quando pretendia corrigir o erro do seu colega), o Beira-Mar ficou a perder por 1-3 — na sequência de arrancada (inesperada e algo consentida do defesa Gabriel, que veio centrar o esférico perto da linha final...).

Sem descrer das suas possibilidades, o Beira-Mar reagiu de imediato ante este golpe de infortúnio. Balanceado no ataque, aos 60 m., ganhou outro corner (cedido por corte de Teixeira, em jogada que Niromar ia concluir) — mas, em resposta, uma fuga de Oliveira forçou Quaresma a desviar a bola pela cabeceira.

Aos 64 m., no desenvolvimento de novo pontapé de canto, que os «azuis-e-brancos» cederam, num remate de Niromar, após combinação com Manecas, Germano concluiu o lance, sendo a bola (depois de desviada ainda por Niromar) defendida por Torres, em mergulho feliz.

No lance seguinte, porém, o Beira-Mar conseguiu o segundo golo, num espectacular golpe de cabeça de KEITA, sob passe bem medido de Sousa.

A turma visitante, nitidamente aturdida, com alguns elementos engotados, sem conseguir libertar-se da pressão dos locais, defendia-se a todo o custo, procurando segurar o golo de vantagem. Recorria, amiúde, a passes para trás, de muito longe, para o seu próprio guarda-redes; e procurava forçar o jogo a frequentes pausas, com lesões simuladas, para quebrar o ritmo e o ímpeto ofensivo dos beiramarenses.

Na turma de Fernando Cabrita, aos 69 m., entrou outro dianteiro (Camegim), a render um médio (Veloso) — com o propósito, mais que evidente, de possibilitar, pelo menos, a fuga à imerecida derrota que se desenhava. No conjunto de José Maria Pedroto, pelo contrário — e com o objectivo de segurar a vitória, de jogar para o resultado favorável —, entraram Óscar (71 m.), um médio, por troca com um avançado (Oliveira) e Simões (80 m.), um defesa, em permuta com um médio... (Frasco).

Foi insistente, em muitos períodos, o domínio territorial da turma de Aveiro — com remates e com sucessivas recargas, em que o golo da igualdade esteve à beira de surgir, mais de uma vez... Aos 78 m., Torres foi forçado a intervenções a soco, na sequência de três corners a fio o último dando ensejo a recarga-volei de Germano, fazendo a bola sair sobre a barra. Aos 84 m., dois pontapés de canto consecutivos (de novo com o perigo a rondar a baliza portista): no primeiro, Freitas, aliviou em balão à toa...; e, no segundo, em remate de Sousa, a bola roçou na trave... depois do que Niromar recargou sobre a baliza.

O derradeiro momento de golo possível, aos 87 m., ocorreu num centro largo de Manecas, tendo Keita concluído de cabeça, mas à figura de Torres...

●

De quanto se relata, ressalta, com nitidez, a flagrante injustiça da vitória do F. C. Porto — extremamente feliz nos golos que marcou (o derradeiro, inclusive, um tento-oferecido...) e deveras afortunado no modo como se livrou de ser batido mais vezes...

Os campeões venceram, mas não convenceram ninguém. Momentos houve — e muitos foram, sobretudo na segunda parte! — em que o Porto esteve engarrafado... Ou, falando noutros termos (consinta-se-nos que assim nos expressemos), foi embarrilado, metido dentro das barricas de ovos-moles de Aveiro...

Relevem-se as exibições de Sousa — em excelente forma —, Germano — com segunda parte em grande estilo — e ainda Manecas, Niromar, Veloso e Soares, na turma aveirense; e Frasco — muito bom até ao intervalo, baixando depois imenso — Teixeira, Gomes e Duda, na equipa portista. Anote-se, ainda, que tanto Beira-Mar (de modo que lhe foi fatal), como F. C. Porto, evidenciaram muitas insuficiências, nas suas manobras defensivas.

Por último, uma sucinta apreciação ao trio de arbitragem, cujo trabalho — sem influência no desfecho do prélio e pautado por critério uniforme e imparcial — se situou, no entanto, em nível apenas sofrível, uma vez que o sr. Porém Luís teve longo rosário de desatenções e descuidos. Designadamente, a cronometragem do tempo de jogo — em que não compensou, como lhe cumpria, o tempo intencionalmente perdido pelos jogadores da turma campeã nacional...

ANDEBOL de SETE

quando o jogo foi suspenso), no prélio com o Desportivo da Póvoa.

Continua ainda em atraso a partida Vilanovense - Académica de S. Mamede (11.ª jornada) — desconhecendo-se a data prevista para a sua realização.

A prova — de que não publicamos hoje a usual tabela de pontos, uma vez que pretendemos actualizar devidamente o quadro classificativo — prossegue na noite de amanhã, sábado, 23 de Dezembro, com os seguintes encontros:

Vilanovense - S. BERNARDO
F.º d'Holanda - Académico
BEIRA-MAR - Gaia
Desp. Póvoa - Padroense
Ac.ª S. Mamede - Porto
Maia - Espinho

Aveiro nos Nacionais

III DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada

SÉRIE B

Avintes - Infesta	0-2
Valonguense - BUSTELO	5-0
Freamunde - PAÇOS BRANDÃO	3-0
Lamego - OLIVEIRENSE	0-2
Leça - Régua	3-1
SANJOANENSE - VALECAMBR.	1-1
Vilanovense - AVANCA	6-2
Amarante - Leverense	3-0

SÉRIE C

ANADIA - Alcains	5-0
Molelos - Naval	1-1
Vilanovenses - Ançã	3-1
Acurede - Tocha	2-0
Quiaios - Guarda	0-2
Febres - Gouveia	2-0
Mangualde - Tondela	4-1
Vildemoinhos - Viseu Benfica	1-0

Classificações

SÉRIE B — Amarante, 21 pontos. OLIVEIRENSE, 19. Leça, 18. Infesta e Lamego, 17. AVANCA, 15. SANJOANENSE, 14. PAÇOS DE BRANDÃO, 13. Valonguense, 12. Freamunde, Avintes e Régua, 10. Vilanovense e VALECAMBRENSE, 9. Leverense, 7. BUSTELO, 3.

SÉRIE C — Mangualde, 20 pontos. Naval 1.º de Maio, 19. Viseu e Benfica, 17. Lusitano de Vildemoinhos, Guarda e Ançã, 15. Vilanovenses, 13. ANADIA, Alcains, Acurede e Tondela, 12. Molelos, 11. Febres, 10. Quiaios, 9. Gouveia, 8. Tocha, 6.

Próxima jornada

(jogos dos clubes aveirenses)
BUSTELO - Avintes
PAÇOS DE BRANDÃO - Valonguense
OLIVEIRENSE - Freamunde
VALECAMBRENSE - Leça
AVANCA - SANJOANENSE
Tondela - ANADIA

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 8.ª jornada

Desp. Portugal - Bairro Latino	18-17
OLEIROS - Académica	20-21
Vila Real - António Aroso	29-21
Braga - CUCUJAES	32-11
V. Guimarães - Cdup	14-17

A turma do Desportivo de Portugal continua na liderança da prova, somando agora 22 pontos.

Neste fim-de-semana, o campeonato sofre paragem, encontrando-se marcada para 30 de Dezembro a nona jornada, última da primeira volta.

Meritório comportamento dos Juvenis do Beira-Mar

-negra, para além do seu segundo lugar, foi galardoada com a Taça Disciplina e dois dos seus elementos, José Casimiro e João Silva, conquistaram, respectivamente, os troféus reservados para o melhor marcador (14 golos) e para o melhor guarda-redes (28 golos) do torneio.

No fecho da prova — em que foram oferecidas medalhas a todos os andebolistas — houve um lanche, que serviu de pretexto para se reforçarem laços de amizade entre beiramarenses, pedrulhenses e portistas.

Basquetebol

-de-semana. Foram os seguintes:

III DIVISÃO — OVARENSE, 124. Bairro Latino, 51. Sporting Figueirense, 70 - Francisco d'Holanda, 72. Oliveira do Douro, 43 - Coimbrões, 59. Gaia, 71 - União de Leiria, 48. Desportivo de Leça, 64 - Desportivo da Covilhã, 55.

II DIVISÃO - FEMININA — SANGALHOS, 33 - Académica, 30. Caixa Geral de Depósitos, 64 - Cdup, 25. GALITOS, 96 - A.N.E.R.M., 25.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 19 DO «TOTOBOLA»

30 de Dezembro de 1978

1 — Barreirense - Porto	2
2 — Ac. Viseu - Benfica	2
3 — Beira-Mar - Braga	1
4 — Famalicão - Belenenses	1
5 — Estoril - Marítimo	1
6 — Guimarães - Académico	1
7 — Sporting - Varzim	1
8 — Boavista - Setúbal	1
9 — Salgueiros - Riopele	X
10 — A. Lordelo - Rio Ave	2
11 — Peniche - U. Lamas	X
12 — U. Coimbra - U. Leiria	X
13 — Atlético - Olhanense	X

O ÁRBITRO E A DISCIPLINA

Não pode haver árbitros macios. Esta é uma questão, um ponto assente. Do mesmo modo não poderemos tolerar no nosso meio filiados sem um mínimo de qualidade para o lugar. Não é juiz quem quer, mas quem der provas de o saber ser. O equilíbrio, a justiça, a disciplina, são factores essenciais, que vós tendes de cultivar, aliados a um conhecimento perfeito das Regras do Jogo.

Aconselho-vos a dedicarem-se com mais entusiasmo à causa da arbitragem. Tentem reunir essas qualidades já enunciadas e o basquetebol sairá mais prestigiado. Mas, ao contrário, sobretudo para os que ora começam, tenham a coragem de ajudar os vossos dirigentes e denunciarem a vossa incapacidade quando tal for notório.

Agradeço-vos em nome da Comissão Distrital e do Corpo Técnico Regional a vossa presença e o vosso interesse.

E, para finalizar, aconselho-vos a trabalhar com mais vontade, pois o Desporto Regional e também nacional precisa de vós. E não esqueçam nunca: — A disciplina tem de ser mantida a todos os níveis e a todo o custo.

JOAQUIM DUARTE

Casa Fernando

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 51

Telef. 24675 AVEIRO

MEIAS — CAMISARIA — ATOALHADOS

Cumprimenta os seus prezados Clientes e Amigos, desejando-lhes Feliz NATAL e Próspero ANO NOVO

SAPATARIA JUSTIÇA

Uma casa ao serviço da arte de bem calçar

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos

FELIZ NATAL e Próspero ANO NOVO

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 21 — Telefone 21310

AVEIRO

Casa REAL

MODAS E NOVIDADES
SECÇÃO DE RETROSARIA
PRONTO A VESTIR

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um NATAL Feliz e Próspero ANO NOVO

Rua Comb. da Grande Guerra, 92 — Telef. 27068 — AVEIRO

CASA DO CAFÉ

Fundada em 1914

MANUEL PAIS & IRMÃOS, L.DA

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 104 — Telef. 22204

AVEIRO

CASIMIROS

— Móveis — Estofos — Decorações —

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 18

Telefone 23207 AVEIRO

Cumprimentam os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes um NATAL FELIZ e um PRÓSPERO ANO NOVO

Deseja FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO a todos os seus Clientes e Amigos

---

A. FARIA GOMES

MÉDICO - ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA

CIRURGIA ORAL

e REABILITAÇÃO

Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

JOAQUIM PEIXINHO

ADVOGADO

Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — **Sala 4**

Telefone 25206

AVEIRO

VENDE-SE

FIAT 600, reparado de novo. Estado impecável

Tratar pelo telefone 25480.

DANIEL FERRÃO

MÉDICO

Interno dos Hospitais da Universidade de Coimbra

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Rua Guilherme Gomes Fernandes, 97-1.º
Telefs: Consultório 24872
Residência 27421

AVEIRO

Consultas todos os dias úteis a partir das 17 horas.

J. CÂNDIDO VAZ

MÉDICO - ESPECIALISTA

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 2.as, 4.as e 6.as a partir das 16 horas *(com hora marcada)*

Avenida Dr. Lourenço Peixinho 81 - 1.º Esq. **Sala 3**

AVEIRO

Telef. 24788
Residência — Telefone: 22856

Empreiteiro

Aceita construções ou reconstruções, de empreitada ou por administração directa.
Contactar com:
Armando de Oliveira Borges — PALHAÇA
ou
na Av. Araújo e Silva, 22 — AVEIRO (onde se encontra a trabalhar presentemente).

«PAULISTA»

CAFÉ — BAR

SERVIÇO DE LANCHES
PETISCOS ● AS MELHORES
MARCAS DE VINHOS DO
PORTO E ESPUMANTES

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos um FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO

R. Gustavo Ferreira Pinto Basto, 29-31 — Telef. 24347 — AVEIRO

A RECLANGOL

Deseja aos v/ estimados Clientes BOAS-FESTAS e próspero ANO NOVO

Rua Cónego Maio, 101 — Apartado 409 — S. Bernardo

AVEIRO

DESPORTOLÂNDIA

Deseja a todos os seus amigos e clientes um bom NATAL e um ANO NOVO próspero e aconselha que deve aproveitar a campanha do 13.º mês.

ÚLTIMA OPORTUNIDADE DE ADQUIRIR TENDAS E SACOS DE DORMIR

ANDRÉ JAMET

a preços de 1978 e ainda 15% de desconto, entre os dias 20 e 31 de Dezembro.

Prepare desde já as suas férias repartidas . . . ou não !

Desportolândia

Artigos Desportivos, L.da

Rua Clube dos Galitos, 2 e 3

Telefone 25870 AVEIRO

DROGARIA CENTRAL

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos um FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110-112 — AVEIRO

VENDE-SE

Quinta — Antigo Passal — cerca 7 hectares

Sita junto à Igreja de Alquerubim, com frente para 3 ruas. Terras de regadio, terras de sequeiro, nascente própria, poço, casa de habitação (antiga residência paroquial).

Tratar telef. 25459 — Vaz Velho.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação, que por escritura de 11 de Dezembro de 1978, de fls. 77 v.º a 80, do livro de escrituras diversas N.º 246-B, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de Policlínica de Cacia, Limitada, teve o seu início no dia 1 do mês de Outubro do corrente ano de 1978 e a sua duração é por tempo indeterminado.

2.º — A sua sede é no lugar de Sarrazola, freguesia de Cacia, neste concelho de Aveiro, podendo estabelecer filiais, sucursais, delegações ou quaisquer outras formas de representação, onde, quando e nas condições, em que em assembleia geral for acordado.

§ único — Quando os interesses da sociedade assim o aconselharem, a sede social pode ser transferida para outro local, por simples resolução da assembleia geral.

3.º — O seu objecto é o da prestação de serviços clínicos, técnicos e laboratoriais podendo contudo a qualquer tempo, mediante deliberação da assembleia geral dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial que não seja proibida por lei.

4.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de 200 mil escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: Dr. Jorge Manuel Fernandes dos Reis uma quota de 100 mil escudos. Dr. António de Bastos Marques Rodrigues uma quota de 100 mil escudos.

5.º — Não são exigíveis prestações suplementares de capital mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

6.º — A cessão de quotas no todo ou em parte é livre entre os sócios. A sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo, tem direito de preferência na alienação de quotas ou parte de quota.

7.º — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade.

§ único — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

8.º — As assembleias gerais extraordinárias sempre que a lei não prescrever qualquer outro modo, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com aviso de recepção e a antecedência mínima de 10 dias.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 13 de Dezembro de 1978.

O AJUDANTE,
a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 22/12/78 — N.º 1229

Secretaria Notarial de Aveiro

SEGUNDO CARTÓRIO

Certifico, para efeitos de publicação, que em 4 de Dezembro de 1978, de fls. 46 v.° a 50 do livro para escrituras diversas N.° B-102, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de justificação em que Manuel dos Santos Carlos e mulher Silvina Ferreira, casados sob o regime da comunhão geral de bens, moradores habitualmente em São Bernardo, deste concelho, onde ele nasceu e ela na freguesia de Requeixo, deste concelho, declararam ser donos, com excepção de outrem, do seguinte imóvel:

«Casa de habitação de rés do chão, com três divisões e quintal, com a área total de 414 m2, no referido lugar de São Bernardo, freguesia da Glória, deste concelho de Aveiro, a confrontar pelo norte, por onde mede 8 metros, com Pedro do Nascimento, pelo sul, por onde mede 10 metros e 30 centímetros, com caminho, pelo nascente, por onde mede 45 metros e 30 centímetros, com Maria de Jesus Marcelino e poente, com igual medição, com Elias Ferreira da Cruz, inscrita na matriz predial urbana da freguesia da Glória sob o art.° 1780 e na rústica sob o art.° 829, com os rendimentos colectáveis, apurados após discriminação a que se procedeu no processo n.° 3, de 1967, respectivamente, de 234$00 e 100$00, o que dá o valor matricial global de 6 680$00, a que atribuem o de 10 000$00 para este acto.» E entrou no domínio e posse do casal deles justificantes, por ter sido adquirido pela esposa a Maria de Jesus Marcelino, viúva, moradora em São Bernardo, pela escritura lavrada neste Cartório, iniciada a folhas sessenta e oito, verso, do livro A-424, como parte devidamente demarcada de um outro de que a vendedora era proprietária.

Este prédio, — que pertence aos justificantes, dada a ruína da parte urbana e a sua próxima demolição, vai dar lugar, no todo, a um terreno para construção urbana com a área de 414 m2, por ser ali viável a construção conforme reconheceu a Câmara Municipal de Aveiro, — fez parte de um outro de grande amplitude material, descrito na Conservatória do Registo Predial de Aveiro sob o n.° 12 836, a fls. 83, v.°, do livro B-37 e ali registado, pela inscrição n.° 11 364, a fls. 124 do livro G-15, a favor de José da Silva Marcelino Novo, que foi casado e morador em São Bernardo, tendo a inscrição a data de 20 de Julho de 1917.

Por morte deste, procedeu-se ao inventário orfanológico, n.° 400 de 1930, cuja sentença homologatória da partilha foi proferida em 17 de Fevereiro desse ano e, ali, foi o prédio originário adjudicado em comum e partes iguais a três dos seus filhos, de nomes: Maria de Jesus Ferreira (que também usava assinar Maria de Jesus Marcelino), José da Silva Marcelino e Laurinda de Jesus Ferreira, que procederam à divisão material do mesmo entre os anos de 1930 e 1940.

A parte que nessa diivsão, foi adjudicada à filha Maria de Jesus Ferreira ou Maria de Jesus Marcelino, foi depois descrita já como prédio autónomo, no inventário, também orfanológico, por óbito do marido daquela, de nome Serafim Lopes dos Santos, o qual correu termos, também pelo Tribunal desta comarca, com o n.° 740, barra 56 e julgado por sentença de 16 de Janeiro de 1958, transitada no prazo legal. Mas na pendência deste inventário foi deliberada e ordenada a venda do referido prédio autonomizado, que veio a ser adquirido pela mencionada viúva, Maria de Jesus Ferreira ou Maria de Jesus Marcelino, pela escritura de compra iniciada a fls. 38 do livro n.° 345 do ex-Notário Dr. Bettencourt, desta Secretaria e do mesmo destacada, por sua vez, a parte devidamente demarcada, vendida aos justificantes pela escritura referida no início.

Todavia, para efeitos de reatamento do trato sucessivo, não têm os justificantes documentos que titulem a divisão amigável a que procederam os mencionados filhos de José da Silva Marcelino Novo, por ignorarem a data e local exactos em que a mesma teve lugar, não obstante as porfiadas buscas a que procederam — circunstância esta que impede os justificantes de comprovarem o direito da interessada Maria de Jesus Marcelino ao seu prédio, já autonomizado, resultante dessa divisão, pelos meios ou documentos normais.

Está conforme ao original.

Aveiro, 6 de Dezembro de 1978.

O AJUDANTE,

a) *Luís dos Santos Ratola*

LITORAL - Aveiro, 22/12/78 — N.° 1229

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 10 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai proceder-se à venda por meio de arrematação em hasta pública, para ser entregue a quem maior lanço oferecer, superior àquele por que vai à praça, o móvel abaixo discriminado, penhorado à executada Transportes Veneza, Sociedade Comercial por quotas, com sede em Aveiro, nos autos de Carta Precatória vinda da Comarca de Santarém e extraída dos autos de Execução de Sentença que à referida executada move, Roques, L.da, Sociedade Comercial por quotas, com sede em Santarém.

MÓVEL A VENDER

Uma máquina fotocopiadora, eléctrica, marca «Safracopy», modelo A/77, que será posta em praça com o valor de 12 000$00.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1978.

O ESCRIVÃO,

a) *Abel Vieira Neves*

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

LITORAL - Aveiro, 22/12/78 — N.º 1229

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que nos autos de processo correccional com pedido cível, pendentes na 2.ª Secção do 2.º Juízo, que o autor José Vaz de Pinho move contra o réu José Ferreira Valério, casado, proprietário, ausente em parte incerta e com a última morada conhecida no lugar de Ouca — Soza — Vagos, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, CITANDO o referido réu, para no prazo de 10 dias posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido de indemnização deduzido naqueles autos e que em resumo consiste no pagamento de 57 371$00, e tudo como melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secretaria à disposição do citando.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1978.

O JUIZ

a) *José Alexandre de Lucena e Vale*

Pel'O ESCRIVÃO

a) *Domingos Manuel Vilas Boas dos Santos*

LITORAL - Aveiro, 22/12/78 — N.º 1229

O ÁRBITRO E A DISCIPLINA

No encerramento, em 8 do corrente mês de Dezembro, do Encontro de Reciclagem dos Juízes de Basquetebol de Aveiro, o Presidente da Comissão Distrital (nosso apreciado colaborador Capitão Joaquim Duarte) desenvolveu, na sessão final, o tema O ÁRBITRO E A DISCIPLINA — tendo feito as oportunas e judiciosas considerações que hoje aqui transcrevemos:

Nas reuniões semanais, sempre temos batido no tema da disciplina nos recintos de jogos. Por isso, para encerrar esta reciclagem, que o Corpo Técnico Regional de Árbitros de Basquetebol conduziu com os conhecimentos e o entusiasmo habituais, escolhemos o ansunto mais preocupante, quanto a nós, do Desporto que temos e servimos. É certo que o período mau parece ter já passado; mas, mesmo assim, surge de tempos a tempos um destrambelhamento, uma atitude isolada, quando não colectiva — o que é mais de lamentar —, e lá se vai tudo por água abaixo.

É por tudo isto que insistimos no pormenor importante do árbitro aliar a interpretação das Regras e a Técnica de Arbitragem ao aspecto disciplinar. É já uma frase feita dizer-se entre nós que não pode haver árbitros macios. Isto significa a necessidade do árbitro segurar o jogo, não só na violência física mas também na linguagem desabrida e obscena. Este aspecto é premente no sector desportivo nacional, onde o uso do insulto está de há muito radicado nos enpectadores, e não só... E aqui chegamos ao cerne da questão. Nas vossas actuações têm de continuar a dedicar redobrada atenção ao palavreado baixo e ordinário. Há que sanear dos campos desportivos os maus atletas, que, por deformação ou acicatados pelos seus apaniguados, utilizam o insulto e a blasfémia, umas vezes por má educação, outras para intimidar e aborrecer os seus adversários.

Continua na pág. 9

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

SLO/Macwester - Ginásio	81-97
Algés - Académico	67-85
Cdup - Benfica	63-102
Porto - Sporting	79-73
SANGALHOS - Barreirense	74-75
Sport - Atlético	85-73

Resultados da 4.ª jornada

SLO/Macwester - Académico	76-91
Algés - Ginásio	66-105
Cdup - Sporting	58-106
Porto - Benfica	71-69
SANGALHOS - Atlético	79-77
Sport - Barreirense	71-68

Classificação geral

	J	V	D	Bolas	P
Ginásio	4	4	0	413-299	8
Académico	4	4	0	345-274	8
Porto	4	4	0	341-300	8
Sporting	4	3	1	357-268	7
Benfica	4	3	1	351-266	7
Barreirense	4	2	2	314-298	6
Sport	4	2	2	317-357	6
Atlético	4	1	3	312-326	5
Sangalhos	4	1	3	275-316	5
SLO/Macwester	4	0	4	306-358	4
Algés	4	0	4	247-379	4
Olivais	4	0	4	245-382	4

A prova — tal como as restantes competições federativas — vai ser interrompida, na quadra festiva de Natal e Ano Novo, reatando-se em 6 de Janeiro. Oportunamente, nestas colunas se indicarão os jogos programados para a referida data.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 5.ª jornada

Leça - Académico	65-63
Guifões - Salesianos	64-53
Olivais - GALITOS	82-62
Vasco da Gama - Académica	69-47
Naval - ILLIABUM	72-70
C. P. Matosinhos - Vilanovense	79-64

Resultados da 6.ª jornada

Académico - C. P. Matosinhos	78-65
Salesianos - Leça	83-73
Olivais - Guifões	84-60
Académica - GALITOS	61-62
ILLIABUM - Vasco da Gama	55-47
Vilanovense - Naval	72-82

Classificação geral

	J	V	D	Bolas	P
Olivais	6	5	1	480-327	11
Académico	6	5	1	419-373	11
Salesianos	6	5	1	429-392	11
C. P. Matosinhos	6	3	3	429-402	9
GALITOS	6	3	3	398-411	9
Naval	6	3	3	428-443	9
Guifões	6	3	3	402-452	9
Vasco da Gama	6	2	4	377-379	8
Leça	6	2	4	435-467	8
ILLIABUM	6	2	4	364-399	8
Académica	6	2	4	382-435	8
Vilanovense	6	5	1	389-462	7

●

Nas restantes provas federativas em que se encontram envolvidas turmas aveirenses, conseguimos apenas apurar os resultados de parte dos desafios realizados no passado fim-

Continua na pág. 9

Campeonato Nacional da I Divisão

Gritante injustiça!

BEIRA-MAR, 2—PORTO, 3

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob a arbitragem do sr. Porém Luís, coadjuvado pelos srs. Azoia Monteiro (bancada) e Jorge Fachada (superior) — equipa da Comissão Distrital de Leiria.

Os grupos formaram dest emodo:

BEIRA-MAR — Padrão; Manecas, Quaresma, Sabú e Soares; Veloso, Leonel e Sousa; Niromar, Garcês e Germano.

PORTO — Torres; Gabriel, Teixeira, Freitas e Murça; Marco Aurélio, Frasco e Rodolfo; Oliveira, Duda e Gomes.

Substituições — No Beira-Mar, entraram Keita (28 m.) e Camegim (69 m.), saindo, respectivamente, Leonel e Veloso. No Porto, Óscar (71 m.) e Simões (80 m.) renderam pela ordem, Oliveira e Frasco.

Acção disciplinar — Cartões «amarelos» a Marco Aurélio (25 m.), num lance em que o médio portista placou o beiramarense Sabú; e a Quaresma (55 m.), numa jogada de choque do defesa aveirense com o avançado «azul-e-branco» Gomes.

Suplentes não utilizados — Rola, Lima e Cremildo, no Beira-Mar; e Fonseca, Jairo e Vital, no Porto.

Ao intervalo — 0-2.

Marcadores — GOMES (15 m.), FRASCO (22 m.) e QUARESMA (57 m.), na própria baliza, para os portuenses; e SOUSA (50 m.) e KEITA (65 m.), para os aveirenses.

Após semana marcada por muitos dias verdadeiramente tempestuosos, o domingo surgiu-nos sem chuva e sem vento, com temperatura amena e até com magnífico e reconfortante sol — circunstâncias que possibilitaram boa afluência de público ao «Mário Duarte». O Estádio não registou enchente total, não ficou a rebentar pelas costuras; mas a verdade é que a receita deverá ter sido magnífica, porventura uma receita **record** — dado que, para além dos bilhetes terem a sobretaxa máxima, o Beira-Mar promoveu um «Dia do Clube».

O mau tempo, porém, deixou vincadas mossas no tapete verde — muito empapado e forçando os jogadores a redobro de dispêndio de energias, sendo notória, no declinar do desafio, a nítida quebra física de muitos, positivamente rebentados, pois o jogo decorreu em ritmo de assinalável velocidade, sendo sempre muito disputada a posse da bola.

Deverá ansinalar-se, antes de quaisquer outros comentários sobre

Continua na pág. 9

ARQUIVO

Resultados da 13.ª jornada

Ac.º Viseu - Barreirense	1-0
BEIRA-MAR - Porto	2-3
Famalicão - Benfica	0-1
Estoril - Braga	1-4
V. Guimarães - Belenenses	1-1
Sporting - Marítimo	1-0
Boavista - Ac.º Coimbra	1-0
V. Setúbal - Varzim	1-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	13	10	0	3	26-7	20
Porto	13	7	5	1	20-9	19
Braga	13	8	1	4	23-12	17
Sporting	13	7	3	3	17-12	17
Varzim	13	5	5	3	16-12	15
Belenenses	13	5	4	4	22-19	1[illegible]
V. Guimarães	13	5	3	5	17-15	13
Barreirense	13	5	2	6	12-14	12
Famalicão	13	4	4	5	9-12	12
V. Setúbal	13	5	2	6	13-17	1[illegible]
Boavista	13	4	3	6	14-17	11
Estoril	13	3	5	5	12-21	11
Ac.º Coimbra	13	3	4	6	9-14	10
BEIRA-MAR	13	4	1	8	21-25	9
Marítimo	13	2	4	7	10-20	8
Ac.º Viseu	13	4	0	9	6-21	8

Próxima jornada — sábado

V. Setúbal - Barreirense
Porto - Ac.º Viseu
Benfica - BEIRA-MAR
Braga - Famalicão
Belenenses - Estoril
Marítimo - V. Guimarães
Ac.º Coimbra - Sporting
Varzim - Boavista

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 12.ª jornada

S. BERNARDO - Académico	26-20
Vilanovense - BEIRA-MAR	18-16
Padroense - F.º d'Holanda	24-23
Gaia - Ac.ª S. Mamede	15-19
Espinho - Desp. Póvoa	23-21
Porto - Maia	32-21

Com referência aos jogos Académico - Gaia (8.ª jornada) e Vilanovense - Desportivo da Póvoa (9.ª jornada), em que se registaram incidentes que impediram a respectiva conclusão, a Federação Portuguesa de Andebol, no seu **Comunicado Oficial n.º 28**, datado de 11 do corrente, dá conta, entre outros castigos, de que foram averbadas derrotas (15-0) ao Gaia, no jogo com o Académico, e ao Vilanovense (11-12 — homologação do desfecho que se verificava

Continua na pág. 9

AVEIRO *nos* NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada

ZONA NORTE

Gil Vicente - Paredes	0-0
Leixões - LUSITÂNIA	3-1
Salgueiros - Tadim	6-1
Aves - Fafe	1-0
Chaves - Riopele	1-1
Aliados - Paços Ferreira	0-2
ESPINHO - Vianense	3-0
Penafiel - Rio Ave	1-0

ZONA CENTRO

RECREIO - Covilhã	1-1
U. Coimbra - FEIRENSE	0-0
Portalegrense - Caldas	3-3
Marinhense - Torriense	2-2
U. Santarém - U. Leiria	1-1
Peniche - Estrela	0-0
LAMAS - U. Tomar	4-1
ALBA - OLIVEIRA DO BAIRRO	2-1

Classificações

ZONA NORTE — ESPINHO, 19 pontos. Penafiel, 18. Leixões, Rio Ave e Riopele, 17. Salgueiros e Fafe, 16. Paços de Ferreira e LUSITÂNIA, 14. Paredes e Gil Vicente, 12. Vianense e Chaves, 9. Desportivo das Aves, 8. Aliados de Lordelo, 7. Tadim, 5.

ZONA CENTRO — LAMAS, 24 pontos. União de Leiria, 19. FEIRENSE, 16. União de Santarém e Estrela de Portalegre, 14. RECREIO DE ÁGUEDA, Peniche e Covilhã, 13. OLIVEIRA DO BAIRRO e Marinhense, 12. Portalegrense e União de Coimbra, 11. União de Tomar e Caldas, 10. ALBA, 9. Torriense, 7.

Próxima jornada

(jogos dos clubes aveirenses)

Rio Ave - ESPINHO
ALBA - Covilhã
FEIRENSE - RECREIO
OLIVEIRA DO BAIRRO - LAMAS

Continua na pág. 9

Meritório comportamento dos Juvenis do Beira-Mar no Torneio de Natal do Pedrulhense

No passado sábado, em Coimbra, numa organização do Pedrulhense, disputou-se um **Torneio de Natal** — entre equipas juvenis de andebol de sete.

Presentes, além do clube organizador (que veio a ficar no primeiro lugar), o Beira-Mar (que obteve o segundo posto) e o F. C. do Porto (último da tabela), em consequência dos resultados com que os desafios concluiram:

Pedrulhense - Porto	15-15
BEIRA-MAR - Porto	12-11
Pedrulhense - BEIRA-MAR	17-14

A competição constituiu salutar convívio, entre jovens de Aveiro, Coimbra e Porto — tendo sido muito meritório o comportamento dos beiramarenses. De facto, a turma auri-

Continua na pág. 9

ANDEBOLISTAS AVEIRENSES NA TURMA DE PORTUGAL QUE JOGOU EM FRANÇA

Ao abrigo do protocolo estabelecide entre os governos e entidades desportivas de Portugal e da França, partiu para este país, no passado dia 16 e regressará no domingo, dia 24, uma equipa nacional feminina, de juniores — constituída por jogadoras com menos de 18 anos.

O citado protocolo, assinado no âmbito do Desporto Escolar, foi posterirmente (e muito acertadamente) transferido para a responsabilidade da Federação Portuguesa de Andebol, pela Direcção-Geral de Desportos — após exposição dos dirigentes federativos sobre a situação do andebol feminino federado, a sua explosão nos últimos anos e a oportunidade de que tal acção se revestia, para estímulo do andebol feminino.

O programa da estadia das jovens andebolistas portuguesas em França — um estágio que se antevê deveras proveitoso — incluia treinos diários, contactos com clubes e centros de andebol feminino, observação de jogos e actividades sociais e ainda a realização de quatro desafios com equipas francesas.

Integrando a selecção portuguesa, orientada pelos professores Horácio Poiares e Fátima Almeida, deslocaram-se duas andebolistas aveirenses: Maria Adelaide Lopes Matos (1.ª linha) e Maria do Carmo Osório Almeida (2.ª linha), esperançosas jogadoras do Beira-Mar.

Motivo, portanto, de muito júbilo para o popular clube aveirense e para os dirigentes da Secção de Andebol (neles se incluindo o devotado treinador Alfredo Vaz Pinto, a quem se deve imenso do que o Beira-Mar tem efectuado, a partir das camadas jovens, dentro da modalidade) — já que, como prémio para a sua dedicação ao andebol, acaba de enriquecer a galeria dos internacionais aveirenses. E motivo, também, para uma palavra de parabéns para a «Laide» e para a «Carmo», com votos de que o sucesso desportivo que acabam de obter seja motivo de estímulo para futuros triunfos pessoais, traduzidos em novas chamadas para envergarem e honrarem a camisola de Portugal.

Litoral
SEMANÁRIO
AVEIRO, 22-DEZEMBRO-1978
ANO XXV - N.º 1229
PORTE PAGO
DESPORTOS
SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO